

A HISTERIA PSEUDOPARANÓICA*

Para V.

Trataremos de analisar neste texto como uma (ou um) histérica(o) pode apresentar os traços aparentemente autênticos de uma paranóia e por que seria legítimo classificá-los na categoria *pseudo*.

Os *traços clínicos* referidos são indubitavelmente paranóicos e não se deixam reduzir pela hipótese, tradicional na França, de uma *constituição* ou de um *caráter*, o que resolve o problema obscurecendo-o. Com efeito, *desconfiança, susceptibilidade, orgulho, ciúmes, rigidez* são condutas de uma generalidade bastante grande e só podem ser rotuladas como patológicas por um observador ideal o suficiente para ter esquecido sua própria humanidade. Ao ponto de que a qualificação de um semelhante, pelo fato de que ele teria “caráter”, consiste na maioria das vezes em atribuir-lhe tais traços, porém valorizados, desta vez. Aqueles que analisaremos são menos discutíveis por serem representados essencialmente por uma *atividade* propriamente *interpretativa* e uma *recusa em participar do comércio social*.

A atividade interpretativa consiste em sustentar que as conversas do meio circundante são orientadas por um endereçamento *ad hominem*. Seu caráter normalmente aleatório, ou então a raciocinação que leva o locutor a só repetir egoistamente a

* Publicado em *Le Discours Psychanalytique* n° 13, pp. 38-39, dezembro de 1984 (N.R.).

singularidade de seu Real, são aqui esquecidos, em prol de uma sistematização geral cujo centro único é ocupado pela paciente: *fala-se dela*, ou, antes, para ela, o que é dito a concerne.

Esta locução não é necessariamente hostil, mas, seja qual for seu sentido, quando se conclui, deixa pairar uma ameaça vaga e de bom grado enigmática, ou seja, habitualmente pejorativa. É uma surpresa constatar que, em casos menos freqüentes, a intenção é interpretada como amorosa, desencadeando declarações em retorno que podem surpreender o parceiro ou, mais fundamentalmente, uma tonalidade hipomaniaca do humor associada a um grande contentamento de si e ligada à convicção inabalável de ser amada. Na medida em que este gozo exaltado de si — mesmo que apenas pelas razões fisiológicas invocadas por Freud, desde seu *Esboço* — só pode alternar com fases de seditação, esboça-se um ciclo periódico do qual se notará, no desvio, que não é menos *pseudo* em relação à psicose maniaco-depressiva.

Esta atitude interpretativa, o sentimento de ser o alvo das diversas conversas do meio circundante, informa-nos sobre o *lugar* ocupado pela histérica: aquele que investe um objeto que garante a significância da cadeia significante e cujo caráter Um dá a ela esta vetorização privilegiada, este monoideísmo radical que fez com que Freud fosse acusado, porque ele o havia descoberto, de pansexualismo.

Que uma mulher assim só valha, só adquira sua atração Outra, por ocupar este lugar de Real, e que ela seja investida do desejo sexual apenas por ser a representante do objeto fálico que aí se aloja, acarreta-lhe, *normalmente*, ser interpretativa. Com efeito, ter que representar o falo torna legítimo o sentimento de sua relação com o objeto no qual se funda o sentido único, sexual, da cadeia significante, quaisquer que sejam o emissor, a circunstância ou o álibi: por sua função de representação, ela vem bem no centro de um sistema. Esta melindrosidade só se torna propriamente patológica, histérica, quando a função de *representação* estiver negada em prol de uma afirmação da *essência*. Ser o falo: adivinha-se como a afirmação só se desenvolve ao encontrar a cumplicidade perversa do meio masculino,

A HISTERIA PSEUDOPARANÓICA

mas não resiste, caso dos mais gerais, à convicção íntima da própria histérica.

Seja como for, os princípios ou a religião bastam e são exemplares para fazer valer como *ideal* uma tal idealização do ser, no cumprimento e na preservação da *virgindade*, por exemplo. Que ela seja marcada por uma proibição, torne-se inatingível, renuncie a toda preocupação de representação e só conserve o hábito como vestimenta, estes traços fazem realmente da virgem o Ser, o falo por excelência.

Esta excelência, uma tal sublimação destas, induz uma participação social sob o modo do *retiro*. A exterioridade pode encontrar sua realização com a escolha de uma vida monástica. Mas não é raro que ela coexista com uma vida social estritamente reduzida à maternidade, único engajamento compatível com o ideal, até mesmo condição de sua realização, em detrimento de qualquer outro investimento. Esta disposição é ilustrada clinicamente pelo fato de que a relação com o outro, o semelhante, é regularmente vivida como uma ameaça, pois a reciprocidade que estipula poderia levar a uma mundaneidade precisamente proibida, suja. A participação no mundo pode dar-se, neste caso, pelo viés das convenções sociais (civildade, polidez, amor ao próximo, etc.), bastante restritas para poupar todo engajamento subjetivo, seja puro jogo ou então totalmente evitada. Supõe uma referência privilegiada ao saber inato, insabido, interior (S2), defendido imperativamente contra toda intrusão e tentativa de subordinação por um saber “exterior”, oficial, legal (S1), portador de uma pretensão de mestria que se trata precisamente de recusar.

Esta melindrosidade egotista e o sentimento de ameaças intrusivas, imaginárias, tanto quanto simbólicas, constituem realmente um quadro paranóico.

Entretanto, não experimentamos dificuldade para diagnosticar, e a justo título, uma neurose. O lugar Outro que dá sua disposição para este quadro subsiste, com efeito, por ter sido instaurado pelo Nome-do-Pai; a migração que para aí conduz a histérica, efetua-se



CLÍNICA PSICANALÍTICA

após ela ter passado, como o menino, pela castração. Os elementos do quadro em si, como a preservação da virgindade, são impensáveis sem a intervenção do Pai simbólico — que neste caso dá-lhe o sentido de uma sublimação.

Assim, a referência ao Nome-do-Pai é permanente na organização de um estado que se realiza como tentativa de cumprir, de ir ao termo de suas exigências. Este cumprimento bem sucedido, certamente, realizaria a loucura. Mas esta nunca é senão tentativa de chegar ao ser da mulher, lá onde infelizmente só pode se tratar de realizar o falo. Excetuando uma mudança de signo, a santidade visada pode assim se transformar em perversidade. Mas aí ainda ela seria neurótica, ao pretender estar a serviço do Pai, ilustrando uma vez mais o impasse da relação que ele instaura.